

CORPOS

DA ÁGUA

VER

MELHA



## SUMÁRIO

Apresentação_____	5
Ariane Nascimento_____	6
Camila Fontenele_____	7
Ella Vieira_____	8
Flavia Aguilera_____	9
Ô Nhará_____	10
Jeff_____	12
Junior Terra_____	13
É uma pequena África_____	14
Natalie Mess_____	18
Pedro Lopes_____	19
Vine Ferreira_____	20
Tapé Puku Eté (Peabiru)_____	21



O projeto *Corpos da Água Vermelha*, trata-se de uma pesquisa da qual retoma a história do líder político e espiritual, João de Camargo, de modo a compreender a complexidade subjetiva de corpos no território de Sorocaba na contemporaneidade. Território das avenidas com nomes de bandeirantes, das quais soterram com seu asfalto, milhares de etnias indígenas, que aqui estiveram. Do bairro, que hoje enfrenta uma alta especulação imobiliária, encontramos uma singela Igreja, obra desse Preto Velho do Quilombo de Caxambú (Sarapuí-SP), descendente do povo do norte de Angola. A raiz de África, misturada nos santos católicos, nas ervas de caboclos utilizadas para a cura por João de Camargo, temos a cultura caipira, a cultura do interior – nossa identidade. Portanto, *Corpos da Água Vermelha*, somos nós, quando silenciemos todos os ruídos da modernidade homogeneizante e encontramos dentro do silêncio, as vozes da terra, das águas, das pedras e de nossos ancestrais.

*Corpos da Água Vermelha* é contemplado pelo Edital Proac N° 09/2020 – “Produção De Exposições Inéditas De Artes Visuais No Estado De São Paulo”. Devido à condição da pandemia Covid-19, a exposição com artistas contemporâneos de Sorocaba será realizada por meio de um site na internet onde serão disponibilizados registros de obras, propostas artísticas virtuais, documentos históricos, e vídeos de pesquisa realizados durante a construção do projeto. O conjunto de conteúdos do site, visa estabelecer horizontalmente, o passado e o presente de maneira em que estejam conectados e que sua união possa pautar discussões sobre as maneiras de pertencimento dentro da cidade.

**Allan Yzumizawa**

Curador

(São Paulo, 1995). Reside em Sorocaba (SP) onde atua como artista e psicóloga (CRP 06/158452). Em 2018, participou da “Residência para mulheres: Encontro com o Subterrâneo” e da exposição coletiva decorrente “Auto Mar”, na FUNDEC, Sorocaba (SP), com a fotografia “Marés”, curadoria de Camila Fontenele. Atualmente, experimentando formas e texturas de elementos que ativam memórias, o cuscuz figurou-se e apontou para uma prática cotidiana relacionada com ritos ancestrais e saberes diaspóricos.



Ariane Nascimento. *ENTRE MEMÓRIAS, ESTÔMAGO E ESPÍRITO*, 2021. GIF. 640 x 360 p.

## a desapareição é um campo muito aberto

Camila Fontenele. *Aparição N. 1*, 2020. vídeo em loop. Duração 12”.

(São Paulo, 1990). Radicada na cidade de Sorocaba, mestranda no programa interdisciplinar de Estudos da Condição Humana na UFSCar e pós-graduada em Cinema, Vídeo e TV: estética da imagem em movimento no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É artista visual, pesquisadora e, atualmente, assistente de curadoria da 3ª edição de Frestas – Trienal de Artes “O rio é uma serpente” (2020/2021).





Ella Vieira. Processo de cura: *Transportar a dor para um corpo indolor*, 2021. Folha de Magnólia do jardim de Nhô João s/ escrita (PEDIDO DE CURA), nanquim e palha de ráfia prateada com quatro nós.

(Sorocaba, 1991). Vive e atua em Sorocaba. Artista etc; diretora criativa; iluminadora cênica; cenógrafa; produtora cultural; pesquisadora em relações, corpo e poder; educadora em alfabetização e letramento; estudante em filosofia política desde 2017; ocupa o cargo em gestão/coordenação geral na Maloca Centro Cultural desde 2019. É uma das vozes que compõem o cenário local nos saberes da Pedagogia Decolonial, se dedicando ao rompimento epistêmico das práticas do poder institucional. Interessa à Ella Vieira, olhar a cidade como um meio estético, político e psicogeográfico, de modo a reunir elementos do entorno urbano, do cotidiano comum, matérias e resíduos encontrados ao acaso, evidenciando mudanças e transformações cotidianas.



(Sorocaba, 1987). Artista visual, sorocabana, professora de práticas artísticas, presidente-fundadora da Associação Cultural de Fomento à Arte e Memória de Sorocaba e Região e coordena o NEC - Núcleo de Estudos sobre a Cidade (2021). Faz parte da criação e gestão da Mofo Galeria (2018), co-fundadora e organizadora da Feira Beco do Inferno (2016), Feira Curva (2018) e CMOS-Centro de Memória Operária de Sorocaba (2017). Pesquisa desde 2015 uma história pouco conhecida de trabalhadoras da região. Desenho, pintura e escultura são as linguagens predominantes de seu trabalho pictórico, que se combinam com práticas de pesquisa, escrita, cartografia e arquivo. Como parte de sua contribuição com o CMOS realizou de julho a dezembro de 2019 a exposição: Livro de Registro no Sesc Sorocaba sob curadoria de Ana Maria Maia.



Flavia Aguilera. Série: *Retratos vermelhos*, 2021. (10 retratos),  
Aquarela, água milagrosa da igreja Nosso Senhor do Bonfim da  
Água Vermelha s/ bloco de gesso. 15,5 x 15,5 x 5 cm (cada).



# Ô nhará

Antonio Luiz Junior, Cintia Delgado

A língua *cupópia* é uma herança viva do Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora-SP), recebida pelos primeiros ancestrais que chegaram de Angola para o Brasil. É tida como a principal expressão cultural da comunidade, sua principal identidade. Os pontos de jongo são as manifestações práticas da própria *cupópia*, de modo que ela permaneça viva dentro das pessoas. Quando soam os batuques, a comunidade mantém viva esta língua secreta dos pretos. Reestabelece uma conexão com os seus antepassados.

Ô *nhará* é um dos pontos mais importantes do qual ressalta o protagonismo das mulheres na comunidade enquanto mantenedoras, guardiãs e disseminadoras da cultura e da história para os *camanaco* (crianças) do quilombo.

(Votorantim, Sorocaba, 1996). Atua como fotógrafo desde 2016. Em sua pesquisa busca retratar através das imagens, a juventude do interior de São Paulo, a fim de documentar suas manifestações culturais, encontros, intersecções e experimentos das mais variadas vertentes da arte. Expôs em 2018, a série CHAVOSOS na exposição coletiva Novos Protagonismos, Fotografia, Poder e Escolha, com curadoria de Felipe Abreu, parte da programação do Valongo Festival Internacional da Imagem; Artista selecionado para o Programa de Acompanhamento Artístico do Veredas Festival 2021.



Jeff. *Sem título*, 2017 - 2019. Fotografia digital.



Junior Terra. *OCCÔ*, 2020-2021. Registro de ação orientada p/ vídeo. 11' 06".

(Sorocaba, Votorantim, 1995). Artista da dança-performance; graduado em licenciatura em Pedagogia pela Univer. Paulista - UNIP; Pós-graduado em Deficiência Intelectual – Univer, São Luís; atualmente compõe a suplência da cadeira de Artes Cênicas no Conselho Municipal de Cultura de Votorantim-SP; Estudante dos cursos de Dança Contemporânea e Filosofia Política no espaço cultural Parque da Autonomia desde 2015 onde integra ações públicas, experimentos/aulas abertas; integrou como bailarino a obra “Ao que se pretendem as partes” com o Coletivo O12 - 2019, enquanto artista propõe ações que se debruçam no contexto histórico do sujeito nacional e seu funcionamento enquanto corpo brasileiro.



É uma pequena África  
É um emaranhado  
Tempo terra asa pele raiz pedra água  
É no rachado das paredes que se vê-sente  
Um tanto do vivido do povo preto dessa cidade  
É uma microsorocaba  
Silenciosa e viva e atenta  
Onde milhões de universos habitam  
Ensinando sobre a circularidade  
Sobre temporalidade  
Sobre convivência e harmonia  
Nuvens de mosquito  
Teias de aranha mil  
Ipês amarelos e cor de rosa  
Garças pardais maritacas  
Milhares de formigas parrudas  
Operárias  
Trabalhadoras como a gente preta e humilde dessa ybysorok  
São esses seres pequeninos  
E tantos outros  
Agigantados encantados  
Orixás ancestrais  
Energias e memórias  
Que nem tão silenciosos  
Que nem tão invisíveis  
Tentam nos contar um segredo  
Alguma coisa que está escondida embaixo da pele de asfalto  
da cidade  
Algo que é proibido  
O indizível

Porque talvez a cidade não suporte o peso da própria mão  
Que escreve uma história oficial  
Negacionista e falaciosa  
Que cobre com cimento e tinta  
O sangue que escorre pelos seus dedos-rios

A igreja da água vermelha  
Pertence a uma Sorocaba utópica  
É território preto  
Resistindo dentro da Sorocaba distópica  
Da volta do rodeio, da defesa do kit covid,  
Da tão infame e vergonhosa família tradicional  
Babando preconceito e destilando ódio nos almoços de  
domingo  
Tão distópica Sorocaba que tenta até criar “transracionalidade”  
Ultraje e obstáculo às cotas raciais  
Dos barões e bandeirantes  
Que jazem nos monumentos  
Que exibem a podridão de seus corpos e ideias  
Impensáveis e contraditórias  
Para cidade que se diz “educadora”

É uma pequena África  
É um emaranhado  
De utopias e de fés  
A igreja da água vermelha  
É uma mancha preta cheia de camadas e mais camadas  
No meio do vidro cristalizado, translúcido, fraco dos tantos  
shoppings  
É uma manha preta na fachada dos prédios iluminados



Com seus nomes na língua do opressor  
E suas bases de concreto calando os rios  
É uma mancha preta respirando  
Ressoando a vibração de insistentes tambores  
No meio do mapa da outrora manchester míope paulista  
Que se enxerga perfeita, branca e universal  
É a mancha de sangue dos tapas  
Que levamos na boca  
É o olhar pesado e julgador  
Dos seguranças e policiais que nos perseguem  
Em todos os corredores, esquinas e vielas  
É a grossura do caldo que fica no lugar onde um de nós tomba  
É a compressa com chá de camomila  
Que cura o hematoma das surras levadas  
Que cura a ferida das puxadas de tapete  
Da câmara, da prefeitura, do congresso nacional  
Da escola e da universidade  
É o gole de chá quente no inverno  
E é a aguardente incendiadora  
Queimando as tristezas e amolecendo a ira  
É o que não sai  
É o poder da memória preta  
Encarnado na figura de João de Camargo  
É tudo isso  
E é o que não posso pronunciar  
O vento que convida os músculos pra dançar  
É o arrepio que acorda a serpente kundalini  
Que faz eriçar os pelos  
Que abre alguma porta dentro da gente  
Quando pisamos nas flores

(Ou seriam estrelas?)

Daquele piso que não é apenas adorno

É a capa da pele do território sagrado

O emaranhado

Galho folha teia papel oração e caneta

É o que não se rouba

Da “petralhada inextinguível”

Pra desespero dos lobatos, dos barões, dos milicos

É o silêncio que traz alento

A potência da igreja da água vermelha

É o Brasil inexplicável

**Daia Moura**

(Sorocaba, 1995). Artista visual e musicista. Sua pesquisa aborda as relações entre corpo, imagem, sonoridade e virtualidade. Desenvolveu a pesquisa C0RP0 G0RD0 que buscava explorar a ironia de um corpo, condenado pela sua adiposidade e espessura, legitimado apenas enquanto imagem bidimensional e publicitária. Através de projeções, a artista buscou evidenciar a potência da palavra em delimitar e de certa forma reduzir a complexidade de um sujeito ao transformá-lo somente num corpo gordo. Sua pesquisa explora materiais e linguagens diversas como fotografia, ilustrações, experimentações audiovisuais, gifs e projeções. As obras apresentadas na exposição “Corpos da Água Vermelha” fazem parte dessa pesquisa.



Natalie Mess. *Isso não é um corpo - sobre acessos e palavras*, 2021. vídeo em loop. 20”.



Pedro Lopes. PAINEL XII -  
1850-1942. Vossos olhos a  
nós voltei, 2000-2005. óleo s/  
tela. 250 x 190 cm. Acervo da  
Prefeitura de Sorocaba.

(Sorocaba, 1951). Formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Seu trabalho artístico percorreu diferentes fases: passou pelo abstracionismo lírico, realismo fantástico e pop dos anos 1970 e desde os anos 1980 até hoje se dedica ao neoexpressionismo e geometria sensível decorrente de paisagem figurativa. O artista participou de diversas exposições coletivas e individuais. Entre as coletivas estão Salões Paulistas de Arte Contemporânea e Salões Nacionais de Arte Contemporânea dos anos 80, diversos Salões de Arte Contemporânea, entre eles os de Campinas, Piracicaba, São Caetano, Jundiaí, Ribeirão Preto e Curitiba. Possui obras em acervos de diversas instituições pelo Brasil.



Vine Ferreira. *Marco entre o dia e a noite*, 2018. fotografia.

(Sorocaba, 1994). Vive há quatro anos em São Paulo. Cursou artes visuais e seu trabalho tem circulado por festivais, apresentações e exposições coletivas independentes. Atualmente, o fotógrafo de 27 anos navega entre a moda, arte e música, tendo como base o audiovisual documental, além de assinar a direção de fotografia em conteúdos de marcas. Recebeu seu primeiro prêmio na 28a. Mostra de Arte da Juventude, pelo SESC Ribeirão Preto e no momento dirige a SEMEDO, revista independente com foco em movimentos culturais independentes no Brasil.



# Tapé Puku Eté (Peabiru)

Luã Apyká

Ka'aru porã pamé upé.

Txerery Luã Apyka. Txeé aikó Tabaçu pygwá. Txeé adjerowiá eté, koapy txeé aĩ. Ko'ay amombe'u awã pendewy pe maraĩpa nhande djagwatá wa'ekwé.

Nhande kwery, apy oikó wa'ekwé kó ywy-py. Apy eĩwa ogwatá-wa'ekwé. Kó pindó reta re, ko'apy, txetuty, txetxy'y, omembe'u txewy, nhanderetãra kwery, nhandeypy kwery. Apy oikó, Apy ka'a gwy ymamgware ka'a gwy eté ma ko'aỹ arãi ete. Nhanderetary kwery, apy ogwatá, apy kó ka'agwy rupi. Eĩwa oikó mombyry ete'i, nhande kwery ymãgware ndadjaetxakwáiry yy ramõe rembé. A'e ramõ nhanderetãra kwery, nhandetxai kwery, nhaderamõi kwery, oikó ywyty tuitxa-rupi, ymã eté a'e-py eĩwa oikó.

A'e ramó, eĩwa ogwatá wa ekwé kó rupi eĩwa ogwatá tsé.

Ogwatá eté, ogwatá eté... Pamé djatsy. Pamé djatsy eĩwa ogwatá wa'ekwé. A'e ramõ, a'e kwery, oetxá odjou kó tapé. Tapé puku eté iporã wé, a'e pyma, tapé puku omboery. A'e oĩ nhadewa kwery, oĩ amboaé nhadewa ogwatá awiĩ kó tapé puku re. Tapúia ogwatá kó rupi. Potigwara kwery ogwata kó rupi. amboé oi nhanderentary kwery ogwata kó rupi tapé puku rupi. A'e ramõ, nhaderetãrã kwery, ogwatá gwatá odjiporoká awã amboae ka'agwy py.

Ogwatá awã kó djai rupi. Eĩwa tapé puku odjou a'e omombe'u kó txetxyty kwery, txetxai kwery kó ywy. Ywy ku'i dju oĩ arãi eté. A'e omombe'u txewy pe tapé puku re. Oatsá peteĩ teĩ re. A'e tapé

mirim, a'e ogweru awii, a'e djuruá kwery idjaywu Peabiru. A'e ramõe nhande ndadjakwaairy kó ery nhande djaikwaá awã tapé puku eté. Kowá ymamgwaré oĩ arãĩ eté amboa eté tapé imarangatu wé. A'e ramõ, apy oĩ nhande tapé ymãgware eté ymãgware regwá, araĩ'e'y kowá ary. Ymãgwaré nhande djaikwá mamõ py nhande djagwatá rã.

A'e ramõ, nhande tudja'i kwery onhimbo'é porã marãipa nhande djagwatá ko rupi. Marãĩ pa nhande kwery nhandimbo'é djagwatá ramõ. Arãĩ tapé'i ikwái nhande djagwatá ramõ. A'e kowá ary, oĩ tapé wai-kwé kó nhande djagwatá, djuruá kwery omoĩ itá, omompe itá omoĩ awã. Odjaywa pamé ka'agwy tapé odjapó awã, arãĩ eté nhande kwery ymãgwaré djagwatá porã'i awã ko rupi. Kowá ary djadjagwatáairy kó rupi, ywy rupi, nhande djarekó peteĩ tekoá, kowa ary. wa'eri djuruá kwery oipyy awii, nhande tekoá, txéé arowiá katú. Tudja kwery, txéé adjerowiá katú. Txetxy'y kwery, nhande txekwery. Omombeú txewy marãĩ pa nhanderekó eté. Txéé aikwaa nhanderetã kwery ogwatá wa'eekwé kó ywy rupi. A'e ramõ eĩwa odjerowiá eté ogwatá ramõ. A'e eĩwa ymãgwaré ndoetxakwaairy. Yy ramõe rembé Paragwatsú.

A'e ramõ, txerentãra kwery a'e ogwata weidjuri, ogwata weidjuri, ogwatá weidjuri... A'e oatsá ywy aku, a'e oatsá ywy ro'ywé, a'e oatsá amboa'e ka'agwy kwery, onhib'oe awã, oetxakwa awã. A'e ogwatá ramõ, txerentãra kwery, txeramõe kwery omombé'u txewy. nhanderetãra kwery ogwatá wa'ekwé, a'e ogweraa ywyrã ra'yi, mamó py eĩwa oikó rã a'ekwery onhoty pa. A'e ramõ, nhande kwery ogwatá porã'i kó rupi. Eĩwa ogwatá ramõ odjerowiá eté, eĩwa oatsá tapé puku re. YY ramõe pewé, a'e oetxá, apy nhade djaiikó. ymãgware



nhande ndadjaetxakwaairy, kó ywy. ymāgwaré nhandere'yi kwery nhandedjaryi apy. Nhande nhandimbo'é katú marāipa nhandedjáikó apy kó nhande ka'agwy arāi eté. Arāi nhande djadjapó porā tapé mirim, tapé'i. arāi pe ka'agwy py oikó ewa'é oikó pamé'i ka'agwy rupigwa. A'e r'amō txenhe'e odjerowia awii txeé amandu'a ramō kó txetuty kwery, kó txetxy'y kwery omombeú, kó ywy re. A'e ramō awii kó aikwaa ymāgwaré kó djuruá kwery omboery kó ywy petei tē'i a'e oikwaa ke ymāgwaré a'e omboery pe txeé aikwaa a'e omo'i kó rupi oatsá arāi eté o'i omboery tsoroká. Tsorokawa. A'e txetuty kwery txetxai kwery omombe'u txewy kó tsoro kawa: Algo que se parte, que se rasga. A'e ramō eiwa omombe'u txewy arāi eté nhande nhamombé'u kwa ywy tsoró: terra repartida, ou uma divisa, ou território dividido. A'e kwery ogwatá wa'ekwé kó rupi, a'e omboery. Arāi eté nhandedjaikó apy. Kó ka'a gwy py. O'i awii ka'a gwy py nhandedjaikó awā ko'ay are txé aporandú pendé wy pe. Nhandimongarekó awā kó nhande ywy kó nhande ka'agwy.

Nhanderú ombodjerawa'ekwé kó ywy djaikó poā'i awā. Apy o'i arāi eté nhande kwery, ka'agwy kwery, ka'agwydjary kwery, apy oikó. Txeé porandú pamé'ary nhanderu upé. Nhande pytymō awā. Txeé amboatsá pende wy pe pegwatá porā kó tapé py. Pegwatá porā penderatsarāi emée marāipa nhanderentara kwery ogwatawa'ekwé. Nhandimbo'é awā, djaraá awā mitāgwé upé, marāipa nhandedjaikó. Ema'é katú, ywy-py pegwatá ramō. Upepy o'i ta'y'i, upepy o'i popo'i, upepy o'i eitsy'i, popy'i, ywyrā kwery. Pedjapytsá ka porā, pegwatá ramō kó rupi Arāi nhande djagwatáwa'ekwé. Txeé adjeroiwá eté apy a'i txeirū rewé, txeé aitxa kwa'a. Txeé adjeroiwá txeorātsu odjerowiá eté). Aweté katú txeirū. Que Nhanderú omo'i nhandeakā py mba'é porā'i awā. Aweté katú.

O texto Tapé Puku Eté, trata-se da transcrição de uma fala em tupi-guarani que Luã Apyka fez ao curador Allan Yzumizawa. A tradução do tupi-guarani para o português é um desafio dado a dificuldade de eliminar os abismos das maneiras de olhar para o mundo que a língua nos impõe (diferenças epistemológicas). Dessa forma, a tradução para o português não foi feita de “palavra em palavra”, mas a partir de um contexto geral que a mensagem de Luã proporcionou para nós djuruá kwery (homem branco).

Boa tarde a todos e todas, meu nome é Luã Apyka, sou da aldeia Tabaçú e estou muito contente de estar aqui com vocês para contar um pouco sobre como é o nosso caminhar ancestral.

No tempo passado, não conhecíamos a praia, então nossos parentes e nossos anciãos habitavam nas montanhas (Andes). Meus tios e minhas tias, contaram que nossos antepassados caminharam por toda *Pindoretá* (lugares de muitas palmeiras, conhecido atualmente como Brasil), e dessa forma, eles acharam um caminho muito comprido e bonito chamado de Tapé Puku. Por toda sua extensão, habitavam diversas etnias e povos. Além de nós, os Tapuias, os Potiguara e outros parentes também percorriam pelo Tapé Pukú. Caminhamos para poder caçar e conhecer outras florestas, outros lugares. Dizem que chegaram a achar neste caminho, muita “areia dourada”. Nossos anciões conheciam muito bem todos os caminhos sagrados, e nos ensinaram como percorrer por eles. Hoje em dia, os *djuruá*, colocaram muitas pedras ruins e falsas pela sua extensão, chamando-o de Peabiru.

O caminhar traz alegria para o nosso povo. Caminhavam muito pelo território, passavam pelas terras quentes e

terras frias. Passavam por todas as florestas aprendendo e conhecendo. Traziam frutas e sementes que coletavam durante o percurso até chegar no litoral. Lá, nós aprendemos como é vivenciar de acordo com a cultura tupi-guarani, respeitando a floresta, aplicando o conhecimento que adquirimos ao longo das veredas, e plantando as sementes que coletamos ao longo do percurso. Fizemos pequenas estradas com muito respeito. Nossos tios e nossas tias também contam que antigamente os não-indígenas foram nomeando cada pedaço de terra para saberem um pouco da ancestralidade, aportuguesando os nomes do tupi-guarani. Meus ancestrais contam que passaram por um território cujo nome era *Tsoroká*. Esta terra seria uma terra partida, dividida. É possível que, quando os ancestrais chegaram nessa região, já havia alguma divisão no território, por isso o nome de *ywy tsoró*. Talvez perceberam neste local, algum conflito ou alguma apropriação da terra pelo homem branco.

Nhanderú se inspirou para fazer e desenvolver este território para nós vivermos. Peço a todos e todas para nos ajudar a passar por esses movimentos. Andem sagradamente pelos caminhos! Não se esqueçam, como todos os nossos antepassados caminhavam de acordo com a filosofia tupi-guarani de vida, para aprendermos e levarmos às crianças, como é a nossa maneira de existir. Olhem para todos os lados quando estiverem andando. Ali há sementes, borboletas, abelhas e árvores. Se atentem e meditem! Se atentem! É assim que devemos caminhar de acordo com a nossa ancestralidade. Eu me alegro verdadeiramente por estar aqui com meu grande “amigo conhecedor” e com meus ancestrais também. Muito obrigado querido amigo, que *Nhanderú* coloque na sua mente, a forma de percorrer por todos os caminhos verdadeiros.

ARTISTAS Ariane Nascimento, Camila Fontenele, Ella Vieira, Flavia Aguilera, Jeff, Junior Terra, Natalie Mess, Pedro Lopes, Vine Ferreira.

CURADORIA Allan Yzumizawa

PRODUÇÃO EXECUTIVA Rafael Ferraz

DESIGN GRÁFICO Eliete Della Violla

DESENVOLVIMENTO WEB Danilo Amaral

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL Blackjack Films

CINEGRAFISTAS Gabriel Camargo, Romulo dos Santos

EDIÇÃO Romulo dos Santos, Vinicius dos Santos

FOTÓGRAFO Adriano Sobral

ASSESSORIA DE IMPRENSA Matheus Casagrande

MÍDIAS SOCIAIS Tiani Gava Zilli

ASSESSORIA CONTÁBIL Carlos Amorim

TEXTOS "Ô nhará": Antonio Luiz Junior, Cintia Delgado;

"É uma pequena África": Daia Moura; "Tapé Puku Eté": Luã Apyka

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpos da Água Vermelha / [organização e curadoria Allan Yzumizawa]. -- Sorocaba, SP : Allan Tanioka Yzumizawa, 2021.

ISBN 978-65-00-31343-7

1. Arte - Catálogos 2. Arte - Sorocaba (SP) - Exposições 3. Artes visuais - Exposições - Catálogos 4. Artistas brasileiros 5. Exposições - Catálogos I. Yzumizawa, Allan.

21-82780

CDD-700.7481

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artistas brasileiros : Exposições 700.7481

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964





WWW.CORPOSDAAGUAVERMELHA.COM.BR



/CORPOSDAAGUAVERMELHA